

Dossiê Temático

**Literatura, Artes
e Hipertexto na Web**

*Literature, Arts
and Hypertext on the Web*

DIONÍSIO VILA MAIOR
COORDENAÇÃO DE

A pre sen tação

Presentation

DIONÍSIO VILA MAIOR¹

No cenário civilizacional contemporâneo, marcado globalmente por um multivocalismo hipertextual cada vez maior e por hábitos que muito assentam na cultura da velocidade e do imediato (tantas vezes em detrimento da dimensão humana e humanista), torna-se imprescindível proporcionar hábitos que de algum modo possam contribuir para a preservação, esclarecimento, divulgação e estruturação de *outra* memória, marcada esta por uma consciência de leitura, de escrita, de *representação* e de produção artística como fonte da «vitalidade do espírito». Sabendo-se que a literatura (nem tão-pouco as outras artes) não

==

¹ Universidade Aberta; CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; CEG-UAb (Portugal). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5425-0051>.

é um fenómeno estático, há, portanto, que lhe saber outorgar não só o reconhecimento dialógico, e dialógico, entre o local e o global, mas também, e acima de tudo, a essência humanista.

O enorme desenvolvimento tecnológico que caracteriza a sociedade contemporânea – corporizado num universo marcado cada vez mais pelas redes sociais e pelas novas tecnologias da informação e comunicação, que vão cromatizando polifonicamente uma cultura digital com uma *interface* global dominada pelo poder cibercultural e hipertextual – tem trazido consigo uma consequência incontornável ao nível das relações com a experiência literária e artística: paulatinamente se privilegia mais o digital; fixam-se novos *timings* de produção (multivocal) na disponibilização de conteúdos; promovem-se leituras hipertextuais; as literaturas nacionais (bem como as artes locais) tornam-se progressivamente fenómenos supranacionais; uma visível transversalidade multidisciplinar vai desafiando o diálogo íntimo entre diferentes produções *discursivas*. Mais: com a globalização e o espaço digital da internet, as fronteiras entre o local e o global vão-se diluindo; os indivíduos já não «vivem» exclusivamente nas comunidades locais e nacionais; as criações intelectuais e artísticas locais tornam-se propriedade de todos, integrando-se (quase sempre à custa do extravio da «aura» benjaminiana) as literaturas e as criações artísticas locais num espaço de informação mundial.

Nesta interseção de culturas, de serviços e bens culturais (literários e artísticos), comprometer-se-á o lugar das literaturas e das artes locais, regionais, a favor de uma uniformidade global? Ou, pelo contrário, tender-se-á para a glocalização multidimensional desse objeto, muito à custa (por parte de cada produtor do objeto estético) da fluidez ideativa, da fluidez associativa, da flexibilidade e da originalidade, enquanto indicadores essenciais promovidos pela «construtividade meta-operativa», princípio dominante da criatividade e do pensamento divergente?

É na tentativa de responder primordialmente a estas questões que os oito artigos que constituem o presente dossiê – «*Literatura, Artes e Hipertexto na Web*» – procuram diversamente responder, sabendo-se que os seus Autores representam um espectro crítico amplo, arrolado por quatro países (Portugal, Itália, Argentina e México) e por Universidades (Universidade Aberta, Universidade Fernando Pessoa, Università Degli Studi di Padova, Universidad Nacional de Salta, Universidad Nacional Autónoma de México, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo) onde a investigação sobre a relação entre literatura e outras artes e sobre hipertexto tem dado passos seguros.

No texto *Miscigenação de linguagens*, Isabel Ponce de Leão – Catedrática da Universidade Fernando Pessoa e responsável pela área da Literatura do Grande Dicionário de Língua Portuguesa da Academia das Ciências de

Lisboa (em preparação) – reflete sobre a relação entre a literatura e as diferentes artes. A Autora desenvolve um conjunto de ideias focalizadas – no que à caracterização, conceptualização e existência fenomenológica da obra artística diz respeito (e convocando o posicionamento teórico de Saul Kripke, Clive Bell, Morris Weitz, George Dicki e Nelson Goodman, entre outros) – sobre uma base teórica vertebral: as Teorias Essencialistas, as Teorias Estético-Psicológicas, as Teorias da Indefinibilidade da Arte, as Teorias Institucionais e a Teoria Simbólica. A mesma dinâmica é incutida na visão que mostra acerca da relação entre a cultura literária e a cultura das outras artes do século XXI, onde o escritor e o artista são, cada vez mais, «profissionais liberais», obrigados que se encontram a «pactuar com o chamado mundo da arte» e a «estabelecer relações de convivência pacífica com críticos, jornalistas, curadores, programadores culturais, editores, compradores, comerciantes, intermediários, revistas, fundações, galerias e museus». Neste início de milénio, em que «os artistas deixaram de ser artesãos de uma só arte para se dedicarem à Arte», e onde, com cautela, se fala em Pós-Colonialismo (discursividade essa figurada tematicamente na exploração cada vez mais consistente das «identidades», das «etnias», dos «géneros»), neste início do século XXI, a Arte vai-se caracterizando pela «multiplicidade e pela transversabilidade», pela consolidação da «arte de rua», pela

polifonia estilística, pela interação cada vez mais acentuada entre o artista e o seu público. E estas afirmações podem ilustrar-se ainda melhor, se tivermos em consideração a reflexão sobre a comunhão interartística em termos espaciotemporais entre as diversas artes – mais uma vez se notando que as preocupações operatórias merecidas pela Autora se encontram ligadas a um princípio metodológico e hermenêutico muito forte: as artes, sejam elas primárias ou secundárias, maiores ou menores, vivem largamente umas das outras, sustentam-se, enriquecem-se, complementam-se.

Já Maria Aparecida Fontes (Autora de *Mímesis (des)encarnada: entre imagens e textos lusobrasileiros*, 2020) avança, no artigo *As múltiplas conexões entre escrita e imagem*, com uma análise geral sobre as relações entre escrita e imagem, subvertidas com as múltiplas potencialidades do universo digital e hipertextual, universo esse cujos sistemas semiológicos se encontram marcados paulatinamente pela configuração polifónica e multimedial. Nesse sentido, esta investigadora e docente na Università Degli Studi di Padova reflete sobre a atual tensão estrutural e funcional entre os registos verbal e icónico, já preadivinhada em Mallarmé, e continuada pelas experiências artísticas do Cubismo, do Futurismo, do Dadaísmo, da Poesia Experimental, do Concretismo, com a recusa dos princípios clássicos de *representação* a favor de uma nova relação entre o sujeito e o objeto estético, bem como

do estabelecimento de novos paradigmas de cognição, experiências totais que aquele universo tem acentuado.

Em *Da imagem ao imaginário passando pela imaginação: algumas reflexões sobre literatura e cinema*, Maria do Rosário Lupi Bello – Professora na Universidade Aberta, e autora de *Narrativa literária e narrativa fílmica. O caso de «Amor de Perdição»* (2008) – desenvolve, de forma sistematizada, um polifónico estudo sobre o termo e conceito de «imagem», tendo como pano de fundo a relação entre literatura e cinema. Já com uma vasta investigação confluyente nos estudos fílmicos e na literatura comparada, a Autora, suportando as suas reflexões em autores consagrados (Roman Ingarden, Paul Ricoeur, Roland Barthes, Gilles Deleuze, André Bazin, Marie José Mondzain e William John Thomas Mitchell, entre outros), parte de uma conhecida contraposição entre *homo sapiens* e *homo spectator* para desenvolver questões importantes relacionadas com: as implicações teóricas do ato de «ver» a obra estética (literária, fílmica) produzida; a edificação, permitida pela «imagem», de paisagens significativas e de significados sobre o lugar do humano; o valor polissémico quer das «imagens verbais», quer das «imagens perceptuais»; ambiguidades e vícios científicos subjacentes a algumas distinções entre literatura e cinema; a problemática da «imagem em movimento»; a hipervalorização (não raras vezes facciosa e desacertada) dos dados considerados mais objetivos e, por isso, considerados

mais seguros, numa cultura contemporânea cada vez mais marcada pela impressão de realidade; o descompassar (frequente, nesta cultura) entre objetividade e subjetividade, e entre certeza (absoluta) e opinião (relativa); a absoluta necessidade de, na «sociedade da imagem» – tendenciosa pela manipulação com que se dissimula –, não abdicarmos do imprescindível pensamento crítico.

Muito estimulante também é o estudo *Literatura na rede ou literatura como rede? Simbiose e mediação na ciberliteratura portuguesa*. Nele, os seus Autores – Rui Torres (Professor Catedrático na Universidade Fernando Pessoa e Coordenador do Arquivo Digital de Poesia Experimental Portuguesa) e Bruno Ministro (colaborador desse Arquivo Digital e do Electronic Literature Directory / Consortium on Electronic Literature) – procuram «identificar e descrever duas formas distintas de utilização da rede no que concerne à literatura: como meio de difusão [...] e como meio de produção». Com esse objetivo em vista, partindo as suas reflexões de diversos exemplos, lembrando que o uso do computador como «ferramenta de criação digital» é «anterior ao aparecimento da World Wide Web», acatando a pontuação genealógica, e dialógica, do Barroco e do Concretismo no que concerne à ciberliteratura, recordando, a este nível, o papel edificador de Pedro Barbosa, os Autores procura clarificar as variabilidades existentes com «a tensão entre livro e ecrã, papel e luz, fixidez e variabilidade», sublinhando, entre-

tanto, que, em primeira e última instâncias, «a única realidade que nunca é submetida à obsolescência é a própria experiência da leitura e da construção de sentido».

E com a construção, e a reconstrução, de sentido(s) (ainda que numa outra área de trabalho, o da tradução) têm igualmente que ver os artigos de Pedro Serrano e Alma Delia Miranda. Pedro Serrano (Professor de Teoria literária e de Poesia na Universidad Nacional Autónoma de México, poeta, tradutor, crítico literário) – no artigo *Romper géneros* –, partindo da tradução da *Arte Poética* de Horácio para abordar a configuração multidiscursiva que subjaz ao ato de tradução do texto literário, defende que «traducir poesia» é, acima de tudo, «escribir poesia», por tudo o que esse processo envolve de (re)criação, crítica, decisões do tradutor, formação e teorização do tradutor – variáveis que nos permitem de igual modo entender melhor a evolução da tradução literária e a tradução de algumas obras contemporâneas. Nesse sentido, e convocando um conjunto de reflexões desenvolvidas por professores, estudiosos, teóricos e/ou tradutores (como Mark Polizzotti, Jorge Fondebrider, Antonio Alatorre, Edward Sapir, Fernand Verhesen e Robert Ellrodt), tal julgamento trabalhado pelo Autor permite assentir na noção segundo a qual o texto literário traduzido deve ser encarado como um segundo texto, com uma «nueva autoría». Por sua vez, Alma Delia Miranda (premiada tradutora mexicana, e académica da Universidad Nacional Autónoma de México)

assina o texto *Traducción y edición de textos antiguos portugueses en la era de la hipertextualidad: una experiencia desde México*. Trata-se de uma reflexão muito interessante sobre o processo de tradução de textos literários portugueses (sobretudo antigos) antes e depois da explosão da internet e do desenvolvimento tecnológico da era da hipertextualidade (considerando a Autora, neste contexto, o ano de 2001 como uma data central), com todos os problemas e transformações que naquele processo foram subsequentemente tendo lugar, situação permitida pelos inúmeros recursos eletrónicos e ferramentas facilitadores do exercício de tradução (ainda que não raras vezes acarretando algumas dificuldades) – não deixando, ainda, de igualmente alertar para a utilidade da edição hipertextual no que respeita ao estudo, leitura e tradução de obras mais próximas de nós no tempo.

Em *Transducciones mediales. Del blog al video: la literatura fuera de los libros*, Hernán Rodolfo Ulm (Doutor em Literatura Comparada, com experiência na área de Filosofia, da Estética, da Teoria das imagens e da Intermedialidade) e Carlos Hernán Sosa (Doutor em Letras e Investigador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) apresentam um texto, anotado (também) pela rubrica da *glocalização*. Os Autores (da Universidad Nacional de Salta), neste texto (continuando, aliás, um conjunto de reflexões anteriormente avançadas por Hernán Ulm, e «dialogando»

com Deleuze, Guattari, Bürger, McLuhan), refletem sobre a relação entre dois registos discursivos – o *blog* do escritor Rodrigo España e a transdução audiovisual realizada pela curta-metragem de Simón Baeza – e as conexões transdutoras que relacionam as duas produções, apontando, entre outros, para o fenómeno de *transbordamento* do literário, equacionável pelas experiências disseminadas pelo «espaço» intermedial marcado por uma globalização que, em última instância, acaba por «impugna[r] las fronteras que establecían identidades fijas para los habitantes de un territorio», e onde «*lo literario* nombra la experiencia transgénica de la práctica escritural».

E o espaço glocal, e hipertextual, comparece de novo no cativante artigo *Fractales. Obra artística virtual transdisciplinaria*. Trata-se de um texto sobre o hipertexto artístico *Fractales*, projeto funcionando num registo «horizontal» (não hierárquico), em contexto pandémico e integrado inicialmente apenas por mulheres. Neste texto coletivo, escrito por Rocio Luna Urdaibay, Claudia Fragoso Susunaga e Adriana Rovira Vázquez (todas as Autoras ligadas, direta e/ou indiretamente, ao ensino artístico, às artes cénicas e às artes performativas, e integrando o Corpo Académico de Artes Cénicas da Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, no México), aborda-se o nascimento daquele projeto polifónico e transdisciplinar, as colaborações internacionais envolvidas

(México-EUA) entre as criadoras de palco e os meios digitais, as diferentes etapas em que aquele se corporizou e os objetivos gerais inerentes ao mesmo: gerar um processo horizontal, cruzar disciplinas, assim como habilidades criativas e de pesquisa, favorecer uma estética infantil, convocar brincadeiras, trabalhar com memória e imaginação, assumir imprevisibilidade, permitir apropriação, aventurar-se no reino da intimidade e do feminino.

Procura-se, desde modo, com o presente Dossiê – «*Literatura, Artes e Hipertexto na Web*» –, disponibilizar à comunidade académica um conjunto de oito artigos, submetidos que foram a *double blind peer review*, um leque de leituras, procurando cumprir dois objetivos primordiais: por um lado, entender o diálogo (tendencialmente transcontinental) entre as manifestações estéticas e perceber até que ponto estas, transcendendo cânones (essencialmente ocidentais), se aproximam de uma expressão cultural global que comprometa a manifestação local e a substancialização local e tradicional das mesmas; por outro, compreender – num contexto geral dominado pela crise da ideia tradicional das Humanidades – em que termos a globalização favorecida pelo desenvolvimento tecnológico e pelos processos de multimidialidade tem concorrido para os contornos de novas configurações semióticas e pragmáticas das produções estético-literárias.